

Ética e abstinência psicanalítica no caldeirão cultural contemporâneo

CAMILA CAMARATTA

A clínica psicanalítica contemporânea é constantemente posta em contato com questões coletivas que se expressam na vida psíquica: nas queixas, nos sofrimentos e nos modos de narrar a própria experiência. Surge então a interrogação: como sustentar a ética e a abstinência em meio a esse caldeirão cultural?

Desde Freud, ética não significa neutralidade ou indiferença. Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), ele orienta que o analista seja “como um espelho”, mas também mantenha “receptividade uniforme a tudo o que o paciente comunica”. Win-

Quando o analista abandona essa posição, corre o risco de converter a clínica em militância, perdendo de vista a singularidade do sujeito.

Nesse ponto, vale distinguir o narcisismo cultural – descrito por Roudinesco em *O eu soberano* (2022) como culto ao eu e demanda de validação constante – do narcisismo do analista, que pode transformar a clínica em palco para a erudição ou a pressa em nomear. Ética e abstinência podem sustentar o vazio, o silêncio e o tempo necessário ao inconsciente.

Para concluir, manter a ética e a abstinência na escuta psicanalítica, em tempos de caldeirão cultural, significa reconhecer que o

nicott, por sua vez, ao afirmar que “não existe bebê sem mãe”, lembra que o sujeito nasce em um campo relacional: o analista não é absolutamente neutro, mas é responsável pela posição que ocupa. Se a ética define a posição do analista diante da escuta, a abstinência marca o modo como ele lida com seus próprios desejos no campo da transferência.

A regra de abstinência em *Observações sobre o amor transferencial* (1915) não exige o silêncio sobre a realidade, mas a recusa em usar a análise para gratificar desejos próprios. Hoje, isso inclui não se deixar capturar pela tentação de convencer, educar, doutrinar ou corresponder à expectativa de reconhecimento imediato.

sujeito é influenciado por forças históricas e sociais, mas que não se reduz a elas. A tarefa do analista é a de sustentar essa borda em que cultura e inconsciente se encontram, mas não se confundem.

Em um momento em que marcadores sociais ganham tanta visibilidade, cabe ao analista preservar o espaço analítico como lugar singular, sem recusar o coletivo, mas também sem diluir o sujeito nele. É essa delicada dança entre o social e o inconsciente que mantém a psicanálise viva e fiel à sua ética: a de escutar aquilo que, em cada um, resiste à captura.